

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal dos Trabalhadores sem Terra Class.: 06
 Data: 12/87 Pg.: 12

Ofayé Xavante: ainda estamos vivos

A violência e atrocidades que se praticam contra as populações indígenas brasileiras são enormes. Dos quase cinco milhões de índios que viviam no Brasil à época do descobrimento, hoje restam apenas cerca de 220 mil, exterminados por uma selvagem política genocida. Denunciar esses crimes é parte da luta pela terra. Conheça o drama dos índios Ofayé-Xavante.

Perseguição e extermínio

Até o início deste século, os índios Ofayé-Xavante eram milhares e habitavam a margem direita do rio Paraná, desde a foz do Sucuriú até as nascentes do Vacaíria e Ivinhema. Antigos caçadores dos campos naturais da região compreendida hoje pelos

municípios de Três Lagoas, Brasilândia, Bataguassú, Nova Andradina, Bataiporã e Rio Brilhante, no Mato Grosso do Sul, foram praticamente exterminadas, sob a alegação que caçavam o gado dos fazendeiros.

Entretanto, um pequeno grupo de 200 índios conseguiu manter-se unido na língua e nos costumes, ficando sua aldeia junto às margens do Ribeirão Boa Esperança, no município de Brasilândia. Sobreviveram anonimamente até 1976, quando a imprensa denunciou a grave situação em que se encontravam os índios Ofayé-Xavante da "Aldeia Esperança", completamente abandonados e dizimados pela tuberculose, anemia e alcoolismo.

Em 1978, a Funai, juntamente com lideranças da região, trans-

fere-os para a conflitiva região de Bodoquena, no Oeste do Estado, onde índios, posseiros e fazendeiros disputam a posse e arrendamento das terras da Reserva Indígena Kadiwéu. Usados como bucha de canhão, são enganados e jogados no meio do invasor.

A pressão dos fazendeiros e a ingerência branca nos assuntos indígenas da Reserva determina violenta perseguição aos índios. Nesse meio os Ofayé-Xavante, de índole extremamente pacífica, vêm-se obrigados a deixar a área. Depois de sofrerem toda sorte de atrocidades, por conta própria retornam à sua região de origem, Brasilândia, onde vivem atualmente como empregados rurais, dispersos pelas fazendas. Agora são forasteiros na sua própria terra.